

## LOGÍSTICA A GARIMPAR

Setor de mineração tem potencial para contribuir com o crescimento econômico do Estado, mas carece de estrutura de escoamento, o que poderia ser obtido por meio da construção ou reativação das ferrovias e de mais um porto. A questão da água também tem prejudicado o desenvolvimento de projetos



# Estrutura e segurança

PRESIDENTE DA FAERN COMENTA A SITUAÇÃO DO AGRONEGÓCIO E AS POSSIBILIDADES QUE ESSA ÁREA POSSUI CASO SIGA AS ORIENTAÇÕES APONTADAS PELO MAIS RN

CLÁUDIO OLIVEIRA  
DO NOVO JORNAL

O setor do agronegócio potiguar é uma das áreas mais promissoras que podem contribuir com o desenvolvimento econômico do estado nos próximos anos, contudo, carece de investimentos e de infraestrutura para apresentar os resultados almejados. As consequências da estiagem ainda estão sendo vivenciadas pelo setor que teve todos os ramos de produtividades prejudicados pela seca e, por esta

razão, a área requer atenção redobrada e projetos que possam superar tais problemas. Estas são algumas constatações do presidente da Faern (Federação da Agricultura e Pecuária do Rio Grande do Norte) José Álvares Vieira, que relata ainda, em entrevista, sobre a importância do Estado interligar as águas da transposição do Rio São Francisco, quando chegarem ao estado, para outras regiões.

FÁBIO CORTEZ / NU

## NU: O SISTEMA FAERN COLABOROU COM A ELABORAÇÃO DO PROJETO MAIS RN PROPOSTO PELA FIERN E GOVERNO DO ESTADO?

**JOSÉ VIEIRA:** A Federação da Agricultura é parceira da FIERN e apoiou o projeto Mais RN e também participou da validação do documento.

## COMO FOI ESTA PARTICIPAÇÃO?

Contribuímos com informações e tivemos o prazer de ver um resultado final consistente, de uma enorme importância para os próximos gestores.

## QUAIS SÃO AS OPORTUNIDADES QUE O AGRONEGÓCIO APRESENTA, MESMO COM OS PROBLEMAS PROVOCADOS PELA ESTIAGEM?

A situação de estiagem é tão séria que compromete até a agricultura irrigada. Mas eu diria que há ótimas oportunidades nas áreas de pesca, carcinicultura, apicultura e floricultura.

## A PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO ESTADO ESTÁ NO NÍVEL ACEITÁVEL?

De forma alguma. Só para se ter uma ideia, a participação do agro no valor agregado bruto produzido no estado encolheu de 8% para 4% entre 2003 a 2011. Se considerarmos que após 2011 tivemos três anos de seca, certamente teremos uma queda ainda maior.

## E A PECUÁRIA TEM CONSEGUIDO SE RECUPERAR?

Não se recuperou. Os efeitos de uma seca, sobretudo no aspecto reprodutivo dos rebanhos, perdurarão pelo menos por mais três a quatro anos.

## O QUE PODERIA SER FEITO PARA MELHORAR A PRODUTIVIDADE DO ESTADO?

A agropecuária do estado é bastante diversificada. A produtividade deve ser tratada por setor dentro de suas peculiaridades. Porém, o incremento da assistência técnica, extensão rural e a qualificação profissional são instrumentos fundamentais em qualquer segmento.

## QUE TIPO DE INVESTIMENTOS NECESSITA?

Especialmente, o estado necessita de obras estruturantes com ênfase na infraestrutura hídrica e nos diversos modais de transporte para o escoamento da produção.



## A INFORMALIDADE AINDA É UM PROBLEMA A SER SOLUCIONADO NO SETOR AGROPECUÁRIO? O QUE FOI OU ESTÁ SENDO FEITO NESTE SENTIDO?

O RN é muito carente em ações nesse sentido. De uma forma geral, o estado precisa se aproximar mais do setor produtivo, procurando resolver gargalos que evitem a saída das grandes empresas absorvedoras de mão de obra. Só para citar alguns exemplos, nos últimos anos, perdemos a Companhia Açucareira Vale do Ceará-Mirim, a Nolen e, mais recentemente, a Del Monte – todas grandes empresas do agronegócio potiguar.

## PROJETOS DE FRUTICULTURA IRRIGADA, BEM COMO A TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO, SÃO APONTADOS COMO MEIOS DE ALAVANCAR O SETOR DE FRUTICULTURA. HAVERÁ A EXPANSÃO DE FATO DO SETOR? EM QUE DIMENSÃO?

Sim. Haverá expansão desde que haja a integração estadual dessas águas. O RN precisa interligar as águas entre as bacias para além do Rio Piranhas e Apodi/ Mossoró. Além disso, é urgente concluir a segunda etapa do projeto Baixo-Assu e a implantação do perímetro irrigado do Apodi.

## DIVERSAS OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS SÃO APONTADAS PARA O AGRONEGÓCIO POTIGUAR. HÁ INVESTIDORES INTERESSADOS? QUAIS OS PROJETOS E ÁREAS ALMEJADAS?

O Rio Grande do Norte precisa, primeiramente, criar um ambiente favorável às empresas aqui instaladas para que se estanque a saída de grandes empreendimentos do agronegócio. Desenvolvendo esse ambiente, a consequência será a captação de novos investidores e grupos empresariais.

## DA PARTE GOVERNAMENTAL O QUE É PRECISO FAZER PARA ATRAIR E NÃO PERDER INVESTIDORES NO SETOR?

Precisamos gerar segurança jurídica e implantar infraestrutura. Porto, ferrovias e integração dessa malha ferroviária potiguar com a Transnordestina, manutenção das rodovias – são esses pontos recorrentes que precisam ser atacados como prioridades.

## QUE CONTRIBUIÇÕES A FAERN ACREDITA QUE PODEM SER TRAZIDAS PELO MAIS RN A PARTIR DE AGORA?

O documento aponta inúmeras oportunidades e é de uma imensa relevância para as futuras gerações de gestores.

“

O RN PRECISA INTERLIGAR AS ÁGUAS ENTRE AS BACIAS PARA ALÉM DO RIO PIRANHAS E APODI/ MOSSORÓ. ALÉM DISSO, É URGENTE CONCLUIR A SEGUNDA ETAPA DO PROJETO BAIXO-ASSU E A IMPLANTAÇÃO DO PERÍMETRO IRRIGADO DO APODI”

“

O ESTADO PRECISA SE APROXIMAR MAIS DO SETOR PRODUTIVO, PROCURANDO RESOLVER GARGALOS QUE EVITEM A SAÍDA DAS GRANDES EMPRESAS ABSORVEDORAS DE MÃO DE OBRA”



www.fiern.org.br

A FIERN APOIA O  
DESENVOLVIMENTO DO  
RIO GRANDE DO NORTE.



www.maisrn.org.br

# Logística e seca

MINERAÇÃO DO RN ENFRENTA PROBLEMAS DE ESCOAMENTO E TAMBÉM TEM PRODUÇÃO ATINGIDA PELA FALTA DE ÁGUA

**APESAR DE POSSUIR** um dos solos mais ricos em minérios do Brasil, o Rio Grande do Norte ainda não é capaz de explorar toda essa riqueza. Problemas de logística são apontados como principal percalço para dinamizar e desenvolver as oportunidades na área. De acordo com o presidente do Sindicato da Indústria de Extração Metais Básicos e Minerários não Metálicos do Rio Grande do Norte, Marcelo Mário Porto Filho, a logística deficiente impede o crescimento do setor e consome quase metade do faturamento.

A produção de ferro, por exemplo, não terá como ser ampliada sem mudanças e investimentos na infraestrutura para escoamento da produção. "Para a exploração do ferro nosso estado não tem viabilidade. Não temos ferrovia, não temos porto. O maior gargalo para a indústria do ferro é a logística que não permite o escoamento", conta. Para que a exploração seja realmente viável, é necessário uma quantidade muito grande do produto, que não tem como ser transportada na estrutura atual que o Estado dispõe, segundo Marcelo Porto.

Outro problema com relação ao ferro é a baixa recente do preço que recuou 50% nos últimos dias sendo cotado na China a menos de 80 dólares. O valor do minério naquele país é o principal indicador para as mineradoras brasileiras. "Se temos dificuldades para escoar, quando cai o preço de forma considerável como essa, aí complica ainda mais", argumenta o presidente do Sindicato das mineradoras.

Outra produção afetada por esse problema é a do feldspato. Segundo o vice-presidente do Sindicato, geólogo Mário Tavares, o Rio Grande do Norte poderia ter uma grande produção deste mineral, mas a logística encarece essa atividade. "É um mineral explorado, mas não na quantidade que poderíamos explorar. Casa grande Mineração e Prime são empresas que exploram o feldspato que pode-

riam aumentar a produção, mas não podem porque até para o porto atual que temos é preciso atravessar toda a cidade e com os tremhões fica complicado", explica.

A falta d'água, diz, é outro fator que interfere na extração de minérios no estado e está dificultando os investimentos que chegam. "Temos uma empresa em Currais Novos que montou uma mega estrutura de produção de scheelita para reprocessar os detritos com investimentos de mais de 50 milhões, mas por falta d'água parou", conta. A exploração de pedras preciosas como esmeraldas e Água Marinha também sofrem com a estiagem.

Já o Projeto Borborema, executado pelo Grupo Crusader ainda não conseguiu avançar como previsto e um dos motivos também é a falta de água. O grupo tinha planos de explorar uma reserva de 75 toneladas de ouro, que posiciona a jazida entre as cinco maiores do Brasil. Para isso pretendia reaproveitar o esgoto de Currais Novos e também utilizar água do Gargalheiras, que está em nível crítico com apenas 6% de sua capacidade.

Agora, o projeto prevê que apenas quando o reservatório estiver com níveis aceitáveis, poderá ser utilizado o que, aparentemente deverá demorar. Nem o projeto de transposição do Rio São Francisco, com previsão de chegar ao estado no próximo ano, anima o setor, já que não beneficiará diretamente a região do Seridó.

Para o presidente do Sindicato da Mineração, Marcelo Porto, obras complementares para desviar água dessa transposição é algo esperado, mas para longo prazo. "Para desviar água para essas regiões há muitas dificuldades, para viabilizar um projeto assim precisa do aval de diversos órgãos que retardam os projetos e mais: é difícil cobrar do governo água para mineração se não existe água nem para a população consumir", constata.



FOTOS: FÁBIO CORTEZ / NJ

► Scheelita escapa dos gargalos por meio do transporte feito em caminhões para o mercado interno



**TEMOS UMA EMPRESA QUE MONTOU UMA ESTRUTURA DE PRODUÇÃO DE SCHEELITA COM INVESTIMENTOS DE 50 MILHÕES, MAS POR FALTA D'ÁGUA PAROU"**

**Mário Tavares**  
Geólogo

**NÃO TEMOS FERROVIA, NÃO TEMOS PORTO. O MAIOR GARGALO PARA A INDÚSTRIA DO FERRO É A LOGÍSTICA QUE NÃO PERMITE O ESCOAMENTO"**

**Marcelo Mário Porto Filho**  
Presidente Sindicato



## SCHEELITA SE SOBRESSAI

Outros minérios produzidos no RN como a scheelita conseguem driblar os problemas com logística. "Não é gargalo porque a quantidade que sai daqui para o mercado não é muito grande e as rodovias atendem a demanda", explica Marcelo Porto, que administra as Minas Brejuí e Bodó. O transporte da scheelita potiguar é feito em caminhões e o mineral é vendido praticamente todo para o mercado interno. Cerca de 90% vai para São Paulo. Pouco do que se produz chegou a ser exportado, cerca de 1 contêiner (20 toneladas/mês). Hoje é um dos minerais que proporcionam melhor retorno financeiro ao setor.

O Rio Grande do Norte já foi destaque na mineração do país. Currais Novos era o berço da scheelita e o empresário Tomaz Salustino era a face do sucesso, com sua mina Brejuí. Desde a década de 1980 até o ano de 2004 a produção de Scheelita caiu devido à concorrência chinesa. A China trabalhou até então com uma política progressiva de verticalização do produto. Eles produziam e vendiam a matéria bruta e agora comercializam com tecnologia agregada reabrindo o mercado para o Rio Grande do Norte que vende a matéria bruta.

Para as mineradoras do estado verticalizarem a scheelita, o primeiro passo seria a transformação em ferro-tungstênio, já que a scheelita é o principal mineral portador de tungstênio. Ferro e tungstênio existem, mas é preciso adequar o custo a uma quantidade mínima e como a produção é pequena não se consegue atingir o patamar desejável. Por isso os mineradores potiguares preferem vender o produto bruto.

"A gente tem a fábrica pronta para operar amanhã com toda a estrutura, tecnologia e até profissionais, mas o custo operacional é elevado e optamos vender a scheelita bruta", explica Marcelo Porto. O que impede é a quantidade de material explorado. "Se conseguíssemos abrir mais minas que garantissem uma produção elevada com certeza trabalharíamos com o ferro tungstênio", revela.

### MAIS RN

**Estratégia de Desenvolvimento Econômico e Promoção de Investimentos do Rio Grande do Norte 2015-2035**

**Tempo de realização**  
Julho 2013/julho 2014 (primeira etapa)

**Valor investido**  
**R\$ 2 milhões 545 mil**

**Realização**  
► Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte – Fiern  
► Governo do Estado (Secretaria de Desenvolvimento Econômico)

**Financiadores**  
► Arnil Mineração do Nordeste Ltda  
► Coats Corrente Têxtil Ltda  
► Comercial Ferro e Aço Ltda  
► Cosern – Companhia Energética do RN  
► Dois A Engenharia e Tecnologia Ltda  
► Guararapes Têxtil S/A  
► Inframérica  
► Maré Cimentos (MIZU) Cimentos Especiais  
► Serveng Civilsan S/A  
► Ster Bom Ind. e Com. Ltda  
► Três Corações Alimentos S/A  
► Voltáia Energia do Brasil Ltda  
► Ecohouse Brasil  
► Sebrae RN  
► Fecomércio RN  
► FAERN  
► Petronor

**Apoio Técnico**  
Macroplan – prospectiva, estratégia e gestão

**Como acessar**  
[www.maisrn.org.br](http://www.maisrn.org.br)

FONTE: MAIS RN



# Elefante precioso

RIO GRANDE DO NORTE TEM IMENSO POTENCIAL PARA DESENVOLVIMENTO DO SETOR MINERAL, APONTA ESTUDO

CADU GOMES / FOTOS PÚBLICAS



▶ Setor mineral carece de investimentos em infraestrutura, agilidade burocrática e segurança jurídica

A retomada da produção mineral no Rio Grande do Norte pode se destacar nos próximos anos. E ser um dos setores a contribuir para a melhoria econômica do RN. Novas jazidas, novos minérios e mais investimentos são os principais fatores que levam a esta constatação, inclusive identificadas no "Diagnóstico e Cenários de Desenvolvimento Econômico 2015-2035", feito dentro do Programa Mais RN.

Contudo, o setor ainda carece de investimentos em infraestrutura, agilidade burocrática e também de segurança jurídica, visto que as discussões em torno do novo Marco Regulatório da Mineração trazem incertezas aos investidores.

Segundo o estudo, as pressões causadas pela diversificada ação humana sobre o meio ambiente ganharão relevância para o Estado, destacando-se, entre outros, os impactos da mineração. As regras ambientais ganharão relevância, com crescente necessidade de regulação, fiscalização e gestão de conflitos, precisando lidar com a adequação entre preservação e crescimento econômico.

A projeção é de que em 20 anos, a produção de ferro possa ser ampliada de 0,5 milhões toneladas/ano para 5,5 milhões toneladas. O minério de ferro é a mais recente aposta de produto mineral no estado, embora ainda necessite de infraestrutura para se consolidar como um potencial deste setor. Ele começa a aparecer nas pesquisas realizadas por empresas no início dos anos 2000 e, pelo menos até agora, coloca o RN como a segunda maior jazida do Nordeste e uma das cinco maiores do Brasil, sem contar com perspectivas de descobertas de outros locais de exploração do minério fora do Seridó.

De acordo com os dados do Anuário Mineral Brasileiro, apenas a partir de 2009 mais de R\$ 200 milhões foram investidos na extração do minério de ferro, incluindo usinas e beneficiamento do mineral. No esteio da extração do minério de ferro, o estado passou, especialmente nos últimos cinco anos, a ganhar novos investimentos, presença de novas empresas e até a reativação de antigas minas de scheelita e ouro, que voltaram

a ser exportados para países como Estados Unidos, China e Índia.

No mesmo período o RN ainda recebeu a primeira refinaria de calcário do Nordeste, fábricas de cimento e empresas de beneficiamento de granito e mármore para exportação. Somam-se a estes dados os investimentos na extração de minerais como scheelita (mais de R\$ 8 milhões) e ouro, com a reativação de minas em Currais Novos e Lajes.

Outro mineral que promete alavancar o setor é a descoberta do ouro. O grupo empresarial australiano Crusader registrou na superintendência local do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) 300 pedidos de estudos em áreas do interior do RN com perspectiva de ocorrência do cobiçado metal dourado. Soma-se a esses pedidos o processo de reavaliação da mina São Francisco, em Currais Novos, que foi adquirida pelo grupo há alguns anos, para saber se ela ainda tem potencial de exploração de ouro.

A exploração do Ouro está prevista no Projeto Borborema, executado pelo Grupo Crusader que planeja investir cerca de R\$ 400 milhões em Currais Novos, explorando uma reserva de 75 toneladas de ouro. O projeto é pioneiro no Rio Grande do Norte em mineração e beneficiamento de ouro em escala industrial, com uma previsão de iniciar a implantação das obras e incluí-las em 20 meses, a partir deste ano. A seca, entretanto, pode atrapalhar a execução desse planejamento. As verbas empenhadas em investimentos só surgem após vários anos de estudo e a liberação, que fica a cargo do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

Também foi descoberta no estado a presença de pedras preciosas como uma área de Esmeraldas na região de Lajes, em meados de 2006. Em Parelhas e Tenente Ananias a exploração de Água Marinha tem grande potencial para explorar uma vez que a Água Marinha potiguar é considerada a melhor do país. Existe, ainda, a Turmalina Paraíba em solo norte-rio-grandense, pedra que vale mais do que diamante, mas ainda não se sabe se há em grande quantidade.



NEY DOUGLAS / NJ

▶ Marco regulatório para o setor preocupa produtores pela burocracia e indefinições

## CENÁRIOS ANIMADORES

Os cenários apontados pelo MAIS RN no setor de mineração potiguar são animadores, mas estão condicionados à questão de logística para escoamento da produção. A ideia central é integrar a mineração à logística ferroviária e portuária nacional, com segurança jurídica e formalização da mão-de-obra.

A partir dessa nova infraestrutura, será possível dar um salto na produção de minérios. Sem isso, projeta-se um crescimento parcial da mineração e foco exportador de uma mineração com restrição de demanda e gargalos logísticos. Num cenário mais pessimista, o MAIS RN cogita um crescimento lento

da mineração, com forte insegurança jurídica. De acordo com o estudo promovido pela FIERN, é fundamental que se tenha uma nova infraestrutura portuária e ferroviária que consequentemente reduzirá os custos de transporte e facilitará o escoamento da produção.

A estratégia sugerida é desenvolver as empresas locais de mineração para aumentar o nível de produção e de beneficiamento. Isso deve ocorrer com a realização de novos estudos geológicos, mas só se concretiza após eliminar gargalos logísticos em parceria com o setor privado e compradores internacionais e solucionar o gargalo da falta

de informação por meio de um mapeamento geológico atualizado (pela universidade ou em parcerias com empresas).

A implantação de um novo porto planejado para ser construído até 2020 no município de Porto do Mangue, na região salineira, já com um plano de expansão para os cinco anos subsequentes à inauguração, terá capacidade para escoar mais de 5 milhões de toneladas por ano e é visto como uma das soluções, juntamente com a construção de linhas férreas viabilizam o aumento da produção potiguar em cinco anos. Contudo ainda não há previsão para o início da licitação do novo porto.

### Marco regulatório gera insegurança

As indefinições do Marco Regulatório da Mineração proposta pelo Governo Federal e ausência de políticas setoriais a nível nacional e estadual, estão deixando o setor inseguro. O projeto introduz critérios específicos para a emissão dos direitos minérios, com leis específicas para substâncias que constam como monopólio da União, minerais e fósseis raros, águas minerais, mineração em terras indígenas e em faixa de fronteira entre outras cláusulas.

Os representantes do setor no estado dizem que a nova legislação está afastando investidores. "São propostas pesadas para o investidor. Além de aumentar os impostos, o investidor fica com medo de investir, sem a certeza de que esse investimento seja rentável", explica o vice-presidente do Sindicato da Mineração do RN, Mário Tavares.

No entendimento dos representantes do setor, O Congresso Nacional está discutindo um conjunto de leis para a mineração que, caso seja aprovado, aumentará o poder discricionário do Estado e prejudicará os pequenos e médios produtores. Como a mineração é uma atividade de alto risco e elevados custos de pesquisa e prospecção, sem as garantias para quem encontrar jazidas, restarão apenas as grandes empresas. Pelo novo marco regulatório, dizem, a mineração seria estatizada, ficando a Companhia de Pesquisa em Recursos Minerais (CPRM) responsável por toda a estimativa de valor das jazidas.

Da forma como está proposto quem descobre uma mina, ou um solo rico em minério precisará concorrer igualmente com outros interessados em explorar a área. "Não existe o critério da meritocracia, mesmo que todo o custo tenha partido de você. Quem vai querer investir numa coisa que não tem garantia que será sua?", questiona Tavares.

Outra mudança pode dificultar a atividade no estado, segundo conta, como a setorização da agência de mineração que existe no estado transferindo-a para Pernambuco ou Bahia, fato que retardará os processos de licenciamento e liberações. "Há uma burocracia muito grande. São vários setores dentro de uma única agência analisando o mesmo projeto. Se estando aqui já é demorado, indo para mais longe é ainda pior. Para nós, temos um bom código e não precisava mudar", enfatiza.

O processo conduzido dentro do DNPM leva no mínimo dois anos apenas na fase de estudos, que dirá se aquele local é viável ou não para a exploração, com o aval do setor técnico do órgão. Só então o departamento, após receber a licença ambiental do Idema, pode conceder o alvará através da Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral do Ministério das Minas e Energia.